

Presidente da Petrobrás defende remessas menores

O presidente da Petrobrás, Ozires Silva, defendeu a redução das remessas do país ao exterior para o pagamento dos juros da dívida externa, desde que seja conseguido pela negociação com os credores. A redução dos juros e a manutenção das metas de crescimento econômico foram apontados por ele como os caminhos da solução dos problemas das contas externas do país, em entrevista, após os debates do "Seminário sobre investimento estrangeiro e conversão da dívida externa", promovido pela Bolsa de Valores e pela Fundação Getúlio Vargas.

Ozires Silva deixou claro que as empresas do Grupo Petrobrás têm uma dívida externa acumulada de 2 bilhões de dólares — "pequena para o porte da companhia" — e que existem condições para realizar sua conversão em capital. Ele ponderou, no entanto, que, por força da lei, a participação acionária dos credores estrangeiros só seria possível através da venda de ações preferenciais, nos casos da Petrobrás e da Petroquisa. Nos demais, a lei admite a participação através das ações ordinárias, garantindo, porém o controle de 51% das ações nas mãos da Petrobrás.

O presidente da Petrobrás explicou também que a negociação das ações da Petroquisa e da Petrobrás Distribuidora, anunciadas meses atrás pelo governo, está adiada até que as condições do mercado acionário se tornem mais atraentes.

— É uma decisão governamental, mas só deve ser realizada em termos empresariais — advertiu Ozires Silva, argumentando que, no momento, o preço

das ações no mercado estão abaixo dos seus valores patrimoniais.

— Se a Petrobrás está bem, em termos de caixa, então por que realizar um prejuízo? — indagou o principal executivo da empresa.

Na segunda-feira da semana retrasada, a Petrobrás encaminhou à Secretaria Especial de Controle das Estatais (Sest) sua proposta de orçamento de investimentos para o próximo ano, no valor de Cr\$ 45 bilhões. Este ano, a empresa contou com um orçamento de investimentos de Cr\$ 35 bilhões.

Ozires Silva evitou maiores comentários sobre o assunto, mas garantiu que ainda não recebeu qualquer informação oficial sobre possíveis cortes no orçamento proposto.

Recado a Moreira

— Se o Moreira Franco não pretende abrir mão do quarto pólo petroquímico no Rio de Janeiro eu então perguntaria com quanto ele vai colaborar para o projeto — ironizou o presidente da Petrobrás, após afirmar que é necessário, antes de mais nada, fazer um exame técnico rigoroso sobre os vários fatores que interferem na escolha da estratégia.

Entre os argumentos técnicos apresentados, ele deixou claro uma certa inclinação a favor do aumento da capacidade de produção do pólo de Camaçari, na Bahia. "A petroquímica à base de nafta é muito mais ampla do que a que funciona à base de gás natural" — exemplificou, contestando uma das principais teses do empresariado fluminense, que defende o projeto no Estado.